



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



Autorretrato e imagem digital: resistência e apagamento na era da visibilidade¹

Charly Techio²

RESUMO

Este estudo investiga o autorretrato fotográfico na arte contemporânea, contrastando-o com a prática das selfies nas redes sociais. Para tanto, analisa-se como a cultura digital molda a imagem do corpo, enquanto o autorretrato artístico se constitui como espaço de reflexão, capaz de tensionar normas sociais, e reafirmar a profundidade da autorrepresentação frente à superficialidade algorítmica das redes. Fundamenta-se em autores como Byung-Chul Han, Philippe Dubois e Naomi Wolf, articulando conceitos sobre o corpo feminino, estética e artificialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Autorretrato; Cultura Digital; Inteligência Artificial; Fotografia Contemporânea; Selfie.

Na contemporaneidade, práticas como a *selfie* tornaram-se centrais na construção da identidade visual, marcadas pela busca de aprovação social, pela repetição de padrões estéticos. Performar diante de uma câmera não é uma novidade no século XXI, mas a ampla exposição dos corpos nas redes sociais traz à tona uma questão: ainda é válido pensar no autorretrato como uma expressão artística consistente, capaz de produzir reflexão e atrito, em meio à lógica instantânea da visibilidade?

Nas redes, a maioria dos usuários reproduz modelos imagéticos sem reconhecer suas origens históricas. Já no início do século XX, obras como *Os Trinta Valérios* (1901), de Valério Vieira (Imagem 1), revelavam o potencial performático e crítico do autorretrato, subvertendo tanto a técnica quanto o conceito de retrato como mero registro do real. Desde então, o autorretrato

¹ Trabalho apresentado no GT-2: Fotografia Contemporânea.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Embap/Unespar. Fótógrafa, professora e Supervisora do Curso de Fotografia do Centro Europeu Curitiba, e-mail: techiocharly@gmail.com.



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



fotográfico se mostra não apenas como subversão da “caixa preta” (Flusser, 2002), mas como espelho do outro e da sociedade.

IMAGEM 1 - Valério Vieira, *Os Trinta Valérios*. Fotomontagem. c.1901. 22 x 28,7 cm.



FONTE: Biblioteca Nacional.

Philippe Dubois, em *O Ato Fotográfico* (1993), compreendia a fotografia como vestígio do que “esteve lá”. Com o digital, porém, esse vínculo com o real se fragiliza: “já não se trata mais de imagens-memória ou monumentos a serem conservados, mas de imagens que circulam para desaparecer tão rapidamente quanto aparecem” (Dubois, 2018). O gesto do “isso foi” (Barthes, 1984) cede lugar ao “estou aqui”: imagem de presença, não de lembrança.

Tanto o tempo de observação quanto o próprio conceito de fotografia se alteraram, sobretudo no campo do autorretrato.

Hoje em dia, quando falo aos estudantes do autorretrato fotográfico, eles logo pensam nas selfies. Não é fácil fazê-los entender que são coisas bem distintas. O autorretrato não é apenas uma imagem de si, mas uma imagem de si no mundo. É assim tanto uma imagem do mundo em nós quanto de nós no mundo. Essa relação do sujeito no mundo é constitutiva da própria



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



ideia de autorretrato desde suas origens, na pintura ou na literatura.
(Dubois, 2018)

A selfie, nesse cenário, afirma uma cultura imediatista, busca *likes*, alimenta algoritmos, objetifica o corpo e associa felicidade à exibição visual. O que parece um espaço democrático se revela, muitas vezes, como um mecanismo de homogeneização, em que a busca pela visibilidade prevalece sobre a potência reflexiva da imagem. Em contrapartida, o autorretrato artístico, quando pensado em profundidade e sustentado por conceitos críticos, pode funcionar como um ato de resistência. Ele desafia a aceleração digital, recusa a padronização dos corpos e reabre espaço para a contemplação.

Segundo Byung-Chul Han, o mundo digital furta a "pluridimensionalidade e camadas da percepção humana, da qual fazem parte não apenas o visual, mas também outros sentidos", ou seja: "O smartphone funciona como um espelho digital para a nova versão pós-infantil do estágio do espelho. Ele abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco. Por meio do smartphone o outro não fala" (Han, 2024, p. 45).

Assim, a comunicação nas redes assume um caráter unilateral, marcada mais pelo desejo de aprovação do que pelo diálogo. A selfie busca apenas ser observada, nunca devolver o olhar. Falta-lhe a interioridade que constitui o rosto e o fascínio do encontro. Como sugere Han, "poder-se-ia chamar o touchscreen do smartphone de tela transparente. Ele é sem olhar. Não há um rosto transparente." (Han, 2024, p. 49-50). O resultado é uma imagem lisa, sem atrito, desprovida da densidade necessária para instaurar pensamento.

Essa lógica afeta sobretudo os corpos femininos. Como apontou Naomi Wolf em *O Mito da Beleza*, de 1992, há muito tempo a cultura da beleza produz uma subvida secreta de autoexigência e ódio de si, dinâmica que atualmente se intensifica nas redes. As *selfies* aperfeiçoadas projetam um ideal inatingível e reforçam o apagamento das marcas do tempo e da experiência. O espelho, antes instrumento de reflexão, cede lugar às telas, onde se busca legitimar uma



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



identidade filtrada e contínua. Segundo Han, “refugiamo-nos nas imagens para sermos melhores, mais bonitos e mais vivos” (Han, 2024, p. 53).

Essa dinâmica cria tensões profundas na experiência cotidiana, as aparências digitais não correspondem à vida real, gerando ciclos de fuga, autopreservação e adaptação constante. A negação das marcas do corpo, do tempo e da mortalidade traduz-se em uma tentativa de controle sobre a própria existência, que não se dá mais por práticas espirituais, mas por técnicas de otimização e autopromoção. É, na prática, negação do fluxo inevitável da vida, daquilo que constitui a condição humana.

A inteligência artificial intensifica essa lógica, alimentando um mercado que cresce exponencialmente, embora também seja alvo de críticas ao excesso de perfeição. Mesmo em um universo irreal, há uma demanda por verossimilhança: as imagens precisam parecer plausíveis, ainda que altamente idealizadas. Como observa Tomaz Tadeu, a respeito dos pensamentos de Donna Haraway:

Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo. Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, "artificiais". Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos. (Tadeu, 2009, p. 11)

À medida que aparatos digitais e redes sociais ocupam cada vez mais espaço, crescem as dúvidas sobre o papel humano na experiência da vida. Perde-se não apenas o envelhecimento natural do corpo, mas também o desgaste material das imagens, como nas fotografias impressas, que desbotam e se deterioram com o tempo.

No mundo digital, a imagem é eterna; a morte é negada. Nele, é possível inspirar a si mesmo, num ciclo de repetição e controle. Byung-Chul Han lembra que, no procedimento da autoexposição, “liberdade e vigilância tornam-se indistinguíveis” (Han, 2024, p.124). A estética da transparência e da performance contínua transforma o eu em produto, dissolvendo a interioridade. Nesse cenário, o



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia

Campina Grande/PB

4 a 5 de Dezembro de 2025

Paraíba, Nordeste, Brasil



autorretrato artístico pode operar como contracorrente: um espaço de dúvida, contemplação e resistência.

Assim, a arte, ao reintroduzir metáfora e opacidade, devolve espessura ao olhar. Pensar o autorretrato hoje é pensar também a sobrevivência da imagem enquanto gesto crítico, um modo de recuperar a densidade perdida e reinscrever o próprio corpo no campo do pensamento.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**: o ato fotográfico e outros ensaios. 11 ed. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1993.

DUBOIS, Philippe. Philippe Dubois e a elasticidade temporal das imagens contemporâneas. **Revista Zum**. São Paulo, 7 fev. 2018. Entrevista concedida a Lúcia Ramos Monteiro. Disponível em: <https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-philippe-dubois/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2024.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2024.

TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VIEIRA, Valério. **Os Trinta Valérios**. Fotomontagem. c. 1901. 22 x 28,7 cm. Biblioteca Nacional. Disponível em: https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=443. Acesso em: 28 nov. 2025.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.